

O uso da biblioteca escolar: buscas para o letramento literário na modalidade CESEC

The use of the school library: searches for literary literacy in the CESEC modality

Lúcia Elisa Galvão de Oliveira Alves¹, Elisabeth Gonçalves de Souza², Amanda Sangy Quiossa.³

Resumo: O presente artigo tem como objetivo apresentar os resultados de uma investigação sobre utilização do acervo literário da biblioteca de uma escola destinada a alunos da Educação de Jovens e Adultos, situada no interior de Minas Gerais, e apresentar uma proposta de incentivo à utilização do acervo literário da biblioteca escolar, uma vez que a procura por livros literários nesta biblioteca de pouca amplitude. O que nos motivou a desenvolver este estudo foi a baixa procura por textos literários, o que nos indicava o pouco contato dos alunos com a literatura, tendo em vista a modalidade específica dessa escola que oferece a possibilidade de conclusão da Educação Básica de forma mais rápida que a Educação Regular. Outro fator que nos levou a investigar e a fazer a proposição de otimização do uso da biblioteca foi a falta de projetos que incentivassem a leitura. Para tanto, utilizamos como metodologia a pesquisa de caráter exploratório, baseada nos conceitos de autores como Campello *et al.* (2007), Cosson (2009), Soares (2004) e Souza (2009). Como instrumentos de pesquisa, foram utilizados os documentos e registros da biblioteca, entrevistas com as professoras e com as especialistas, assim como questionários direcionados aos professores orientadores de aprendizagem. Por fim, após análise das entrevistas, na tentativa de oferecer mais qualidade ao ensino oferecido aos alunos, por meio do acervo da biblioteca escolar, o presente estudo apresenta uma proposta de incentivo à utilização do referido acervo.

Palavras-Chave: Biblioteca Escolar; Letramento Literário; CESEC

Abstract: This article has the aim to present the results of an investigation about the library's literary collection of a school intended to juvenile and adults, on the Minas Gerais state, and to show an incentive proposal to the use of the school library's literary collection, because the demand for literary books on this library was very small. What motivated us to develop this study was the low demand for literary texts, which indicated students' low contact with literature, as the specific modality of this school offers the possibility to finish the basic education quicker than the regular education. Another factor that made us investigate and make a proposal of the library's optimization was the lack of projects that incentives reading. To do so, we used as methodology the exploratory character research, based on the concepts of authors such as Campello *et al.* (2007), Cosson (2009), Soares (2004) and Souza (2009). As instruments of research, we

¹ Mestre em Gestão e Avaliação da Educação Pública – CAED/UFJF – Professora da Rede Pública de Educação de Minas Gerais. E-mail: luciaelisa.22@gmail.com

²Doutora em Estudos Linguísticos pela UFMG – Professora do CEFET/RJ, coordenadora do Núcleo de Estudos em Linguagem e Educação (NELINE -CEFET/RJ) e professora colaboradora do Mestrado em Gestão e Avaliação da Educação Pública – CAED/UFJF. E-mail: elisabethsouza.cefetj@gmail.com

³ Mestre em História – Assistente de orientação do Mestrado em Gestão e Avaliação da Educação Pública – CAED/UFJF. E-mail: amandaquiossa@caed.ufjf.br

used documents and registers from the library, interviews with the teachers and the specialists, and questionnaire directed to the learning oriented teachers. To conclude, after the interview analysis, in an attempt to offer a higher quality to the learning offered to the students, by means of the school's library collection, the shown study presents a proposal of incentive to the use of the referred collection.

Keywords: School Library; Literary Literacy; CESEC.

Introdução

Assim como nas demais instituições de ensino, a biblioteca escolar, na Educação de Jovens e Adultos, configura-se como um importante instrumento de informação e de formação cidadã. Por meio do acervo oferecido, o aluno pode ter a oportunidade de ampliar seu conhecimento, descobrir o gosto pela leitura e, até mesmo, melhorar sua postura enquanto ser social. Porém, a utilização do acervo da biblioteca no Centro Estadual de Educação Continuada (CESEC)⁴ tem sido pequena e se apresentado como um grande desafio para a gestão escolar.

Ao refletir sobre a possibilidade de oferecer, ao aluno do CESEC, uma melhor formação e conhecimentos exteriores ao currículo básico, além do desenvolvimento do gosto pela leitura literária, entendemos que esse aluno precisa aproveitar melhor o acervo da biblioteca escolar. Dessa forma, este estudo tem como objetivo investigar a utilização do acervo literário da biblioteca pelos discentes. Além disso, objetiva, ainda, compreender o que leva o estudante a não utilizar o acervo da biblioteca escolar, bem como visa promover o desenvolvimento de projetos voltados para o letramento literário⁵.

A Biblioteca Escolar e a formação de leitores na EJA

Para Wisniewski e Polak (2009, p. 411), “a biblioteca escolar é a base para a formação de leitores”. Como a biblioteca faz parte desta pesquisa, é importante falar um pouco sobre a relação entre a biblioteca escolar e a formação de leitores na EJA.

A formação de leitores na EJA é um desafio, pois há um entendimento, por parte da escola, de que os alunos dessa modalidade de ensino são simplesmente aqueles que buscam a conclusão rápida do curso. Para Vilela (2009, p. 125), “[...] os alunos da EJA chegam à escola com a ideia de recuperar o tempo perdido. Nesta perspectiva a biblioteca não faz parte da ideia de escola que o aluno traz consigo”. Essa realidade dificulta as atividades de leituras extras, assim como do uso do acervo da biblioteca.

⁴ Centro Estadual de Educação Continuada está situado no sul de Minas Gerais. Optamos, neste texto, em omitir o nome da Instituição e a cidade de origem. Sobre as especificidades desta modalidade de ensino, verificar o terceiro item deste artigo.

⁵ Este texto é fruto da dissertação de mestrado intitulada: *O uso da biblioteca escolar na educação de jovens e adultos: um desafio na modalidade CESEC*, defendida no PPGP/CAEd/UFJF em dezembro de 2017.

Na biblioteca escolar está armazenada uma diversidade de obras literárias, visando atender às necessidades educacionais e culturais de crianças, jovens e adultos. Segundo Wisniewski e Polak (2009, p. 412):

A função primordial das bibliotecas deve ser o incentivo para a formação de leitores, porém, sabemos da precariedade e, muitas vezes, inexistência de biblioteca escolar. Esse espaço que muitas vezes é visto como algo secundário deveria ser essencial no ambiente escolar, pois como já vimos a melhoria na qualidade do ensino se fará com a formação de leitores críticos que dinamizem a sociedade através do conhecimento.

Pensamos que, ao estudante jovem e ao adulto, deve ser oferecida a possibilidade de desenvolver o gosto pela leitura e pela literatura. Para ratificar essa ideia, trazemos um fragmento de Wisniewski e Polak (2009), na perspectiva de ilustrar que este é o caminho da EJA, em relação à formação de leitores:

Temos um longo caminho a percorrer no que diz respeito à formação de uma sociedade de leitores, porém apesar do difícil acesso ao material de leitura no Brasil, precisamos continuar incentivando o hábito da leitura para que um dia possamos nos orgulhar e dizer que fazemos parte de uma sociedade que tem paixão pela leitura. Tanto a biblioteca pública quanto a escolar têm seu papel e sua importância na formação de leitores, porém, se os profissionais da educação não incentivarem o hábito de frequentá-las, corre-se o risco de quando o período escolar acabar o aluno fique sem rumo. É preciso mostrar o caminho para se chegar à leitura (Wisniewski & Polak, 2009, p. 412).

A Educação de Jovens e Adultos em Minas Gerais: a modalidade CESEC

De acordo com a lista das escolas de Minas Gerais, atualizada em setembro de 2016, encontrada no *site* da Secretaria de Educação de Minas Gerais, o estado conta 3660 escolas, sendo que, deste total, somente 117 são de EJA, na modalidade de Centro Estadual de Educação Continuada (CESEC). Esta modalidade de oferta educacional aos jovens e adultos é uma peculiaridade do estado mineiro. Portanto, antes, é necessário entender o percurso histórico legal dessa modalidade de EJA.

A partir de 2000, as unidades de ensino que ministravam os Cursos de Suplência em Minas Gerais passaram a ser denominados Centros Estaduais de Estudos Supletivos (Cesu). A Resolução SEE/MG n. 162, de 21 de novembro de 2000, instituiu uma nova denominação para os Centros Estaduais de Estudo Supletivos, eles passam a ser Centros Estaduais de Educação Continuada (CESEC), entendendo o jovem e o adulto como estudantes com necessidades de estratégias pedagógicas diferenciadas para uma educação continuada.

Alguns CESEC têm autorização para oferecer Exame Especial por meio da Banca Permanente de Avaliação, em que os alunos eliminam o Ensino Fundamental ou Médio fazendo uma avaliação por área de conhecimento. Para tanto, o candidato deve comprovar idade mínima de 15 e 18 anos, respectivamente, para cada uma das etapas de ensino citadas.

O sistema de atendimento nos CESEC difere das outras escolas em diversos aspectos. Até o ano de 2012, os CESEC não interrompiam o

funcionamento no recesso de julho e férias de janeiro. Seu atendimento era constante, com exceção do período entre o Natal ao ano novo. Até então, os “professores orientadores”, como são designados os professores dos CESEC, atendiam os alunos por vinte e duas horas semanais e cumpriam duas horas em reuniões pedagógicas. A partir da publicação da Resolução SEE 2250, de 28 de dezembro de 2012, os CESEC passaram a seguir o calendário das escolas regulares: cumprindo 200 dias letivos. Enquanto o professor orientador passou a ter uma carga horária de 24 horas semanais, distribuída da seguinte forma: 16 horas de atendimento ao aluno, distribuídas de segunda à sexta-feira; quatro horas de reuniões, quatro horas semanais em local de livre escolha do professor e outras quatro na própria escola ou em local definido pela direção, sendo duas destinadas às reuniões.

Hoje, de acordo com a Resolução 2943, publicada em 19 de março de 2016, que dispõe sobre a organização e o funcionamento do ensino nos Centros Estaduais de Educação Continuada e nos Postos de Educação Continuada (PECON) – que fazem parte da rede estadual de ensino da Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais, os CESEC –, estão autorizados a oferecer os anos finais do Ensino Fundamental e o Ensino Médio de forma semipresencial e mediante regime didático de matrícula por componente curricular. A carga horária do professor orientador continua sendo aquela prevista pela Resolução SEE 2250/2012. O aluno pode se matricular em qualquer período do ano, pois o atendimento é feito de forma individual. Ao se matricular, o estudante recebe o material, podendo estudar na escola ou em casa, contanto que cumpra uma carga horária mínima presencial de dezesseis horas por componente curricular. Durante esse tempo, o aluno desenvolve um plano de estudos orientado pelo professor. A avaliação é feita assim que o aluno se sentir preparado para tal. É necessário ter aproveitamento de, pelo menos, cinquenta por cento da avaliação para dar início ao próximo módulo, sendo cinco módulos em cada componente curricular.

Essa modalidade de ensino exige muita disciplina e força de vontade por parte do aluno, pois é uma escola aberta, sem presença diária obrigatória, onde o aluno permanece pelo tempo que precisa ou sente vontade. Não há dia específico para fazer a avaliação e boa parte do estudo é feita em casa. Os professores não ministram aula para uma turma, pois cada aluno presente está em uma etapa do conteúdo curricular. Assim, o atendimento é feito individualmente, conforme as dúvidas vão surgindo. Há um projeto interdisciplinar oferecido pela instituição, mas, de acordo com a Resolução vigente, sua adesão é facultativa para o aluno. O projeto é semestral, já o tema é escolhido pelos alunos e corpo docente. Durante a vigência do projeto, são desenvolvidas atividades em sala de aula, pesquisas, além disso acontecem palestras, mostras de vídeos e de trabalhos realizados pelos alunos.

Vemos nessa modalidade de ensino uma possibilidade ímpar para o trabalhador concluir a Educação Básica. O fato de o professor estar à disposição do estudante para atendê-lo individualmente, aprofundar no conteúdo de acordo com a necessidade do aluno, que organiza o seu tempo, pois não ter presença diária obrigatória faz com que os CESEC permitam que alunos trabalhadores frequentem a escola e concluam a formação básica de acordo com o tempo que tem para investir nos estudos. Essa possibilidade não pode ser oferecida em escolas presenciais, onde os professores ministram aulas de forma regular. Em

contrapartida, este tipo de oferta educacional leva os alunos a não se dedicarem a atividades extras, como outras leituras, o que dificulta muito o trabalho dos professores, em especial nas propostas de leitura literária. Afinal, uma das características dos alunos dos CESEC é a pressa em concluir o curso.

O Centro Estadual de Educação Continuada aqui estudado, doravante denominado de CESEC X, localiza-se ao sul de Minas Gerais e conta com mais de três mil matrículas. Além da própria cidade e sua zona rural, essa instituição atende alunos de outros 12 municípios. O número de matrículas varia quase que diariamente, pois a escola recebe alunos o ano todo e, quando o estudante conclui todos os componentes curriculares, ou pede transferência, sua matrícula sai do sistema. Essa modalidade de EJA é fruto de uma política pública direcionada ao jovem e adulto trabalhador, buscando possibilitar a conclusão dos anos finais do Ensino Fundamental e do Ensino Médio. Consequentemente, contribui para o fornecimento de mais oportunidades na vida.

Embora funcione em um prédio antigo, de difícil manutenção, o CESEC X encontra-se em bom estado, sendo as suas salas amplas, arejadas e bem iluminadas. A estrutura da instituição conta com 11 salas de aula, uma secretaria, uma sala para a direção, uma biblioteca, cozinha, dispensa, área de serviço, refeitório, sala para supervisão, oito banheiros para os alunos – divididos igualmente entre masculino e feminino –, dois banheiros para servidores e uma sala para almoxarifado. Entretanto, o número de salas de aula é insuficiente, já que, no turno da noite, as salas não comportam os alunos. Isso faz com que os professores atendam os alunos na biblioteca, no refeitório ou no corredor da escola.

A questão central da pesquisa se relaciona com a utilização do acervo literário da biblioteca escolar, porém, gostaríamos de registrar que além da baixa procura pelo acervo literário, o CESEC X enfrenta outros problemas, como a evasão de alunos e baixo número de concluintes.

A equipe gestora e pedagógica do CESEC X entende a prática da leitura como uma ferramenta de fundamental importância para a formação da pessoa, não só em relação à vida acadêmica, como para a atuação crítica e participativa na comunidade onde vive.

Mortatti (2004) destaca que, dentre os bens culturais, a leitura e a escrita se encontram como saberes das sociedades letradas. Nesse sentido, é importante propiciar aos indivíduos ou grupos sociais a participação efetiva na cultura escrita. Apropriar-se desses saberes e utilizá-los é condição para a mudança, tanto do indivíduo, quanto do grupo social.

A formação de leitores é tema de debate constante na educação. Essa tarefa tem se apresentado demasiadamente difícil para a escola, uma vez que, muitas vezes, o ensino não ultrapassa a perspectiva da decodificação dos símbolos escritos, assim, não chega às práticas sociais de leitura e escrita.

Kleiman (2004) afirma que a leitura é uma atividade complexa, porque não é simplesmente a soma dos significados das palavras, ela envolve múltiplos processos cognitivos ao ser interpretada pelo leitor para a construção de sentido. Para Gomes (2015), uma das funções primordiais da escola é educar cidadãos para a vida em sociedade. Para tal empreitada, é preciso que a escola ensine não apenas a decodificar os símbolos escritos, mas que as atividades escolares contribuam para o desenvolvimento do letramento. De acordo com Soares:

O letramento é um estado, uma condição: o estado ou condição de quem interage com diferentes portadores de leitura e de escrita, com diferentes gêneros e tipos de leitura e de escrita, com as diferentes funções que a leitura e a escrita desempenham em nossa vida. Enfim: letramento é o estado ou condição de quem se envolve nas numerosas e variadas práticas de leitura e escrita (Soares, 2004, p. 44).

Com o avanço das pesquisas em letramento e as mudanças sociais ocorridas, que demandam novas exigências sobre o conhecimento de leitura e escrita, o vocábulo “letramento” vem sofrendo ressignificações, pois, de acordo com Souza e Cosson (2011), o termo foi criado para entendermos como a escrita atravessa a nossa existência das mais variadas maneiras. Portanto, hoje se fala em “letramentos”, em função da pluralidade de sentidos. Nesse contexto, surgiu o termo Letramento Literário, abarcando as práticas sociais que envolvem a leitura literária.

De acordo com Gomes (2015), o termo letramento literário, mesmo sendo bastante recente – usado pela primeira vez no Brasil por Graça Paulino, em um trabalho apresentado à Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Educação (ANPED) –, abre espaço para novas formas de relação entre o texto literário e o leitor. Essa relação é pautada nas práticas de leitura e escrita, que não se reduzem à escola, embora passem por ela, já que a instituição é considerada uma agência importante de letramento.

Paulino e Cosson (2009) definem o letramento literário como o processo de apropriação da literatura, enquanto construção literária de sentidos. De certa forma, o acréscimo do adjetivo “literário” à palavra letramento destaca a importância da leitura literária, do leitor, da formação de leitores – professores e alunos –, na escola e em bibliotecas.

Para Barbosa (2011), a leitura literária tem o potencial de garantir autonomia e liberdade para o seu leitor. Assim, entendemos essa prática como uma ferramenta de fundamental importância para a formação da pessoa, não só no que tange à vida acadêmica, como também para a atuação crítica e participativa na comunidade.

A leitura possibilita ao ser humano a capacidade de refletir sobre os mais variados assuntos, além de atuar de forma mais intensa, crítica e criativa na sociedade. Nessa perspectiva, o Manifesto IFLA/Unesco para a Biblioteca Escolar (2000) diz que a missão da biblioteca escolar é promover serviços de apoio à aprendizagem e livros aos membros da comunidade escolar, possibilitando a formação de pensadores críticos e usuários efetivos da informação. Dessa forma, pensando no aluno como ser em formação, as bibliotecas devem ser aliadas das escolas, como um espaço vivo e ativo em seu interior. Entretanto, no cenário educacional brasileiro, a realidade não é essa.

Apesar da promulgação da Lei Federal 12244/2010, que dispõe sobre a universalização das bibliotecas nas instituições de ensino, muitas escolas brasileiras ainda não possuem bibliotecas. O artigo terceiro da referida lei estabelece um prazo de dez anos, a partir da sua publicação, para que ela seja efetivada. Assim, faltam menos de dois anos para que o prazo termine, requerendo políticas públicas fortes para que se faça cumprir a legislação.

Nesse sentido, o desenho de tais políticas deve abordar investimentos no acervo e na infraestrutura das bibliotecas já existentes, bem como criar novas bibliotecas. Além disso, é de fundamental importância que sejam

proporcionados cursos de formação de bibliotecário, pois esse é um profissional que não atua nas escolas, uma vez que, geralmente, um professor é deslocado para essa função nas escolas públicas.

Há alguns anos, em 1997, foi criado o Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE), com o seguinte objetivo:

[...] democratizar o acesso de alunos e professores à cultura, à informação e aos conhecimentos socialmente produzidos ao longo da história da humanidade, pela distribuição, às escolas, de acervos, obras de referência e de literatura infantil, juvenil e adulta (Brasil, 2011, p. 10).

Entretanto, as ações governamentais citadas não foram suficientes para oferecer bibliotecas a todas as escolas, nem qualidade às existentes. De acordo com o diagnóstico do MEC (Brasil, 2008), a realidade das bibliotecas escolares brasileiras é bastante crítica, tanto na questão de infraestrutura quanto de acervo, sem contar que o profissional atuante nesse espaço não possui formação específica. Essa situação dificulta a formação de leitores e colabora para que as escolas que possuem biblioteca tenham esse espaço como pouco atrativo ou, até mesmo, inútil e desperdiçado.

Além da compreensão de que o CESEC X está em falta com o incentivo à formação de leitores de literatura, a sensação de inutilidade e desperdício da biblioteca escolar também incomoda. A biblioteca do CESEC X foi criada em outubro de 2012, a partir da oferta de três servidoras para atuarem nessa instituição, quantitativo previsto na Resolução SEE 2018, de 6 de janeiro de 2012. Essa legislação estabeleceu as normas para a organização do Quadro de Pessoal das Escolas Estaduais e a designação para o exercício de função pública na rede estadual.

É importante pontuar que o Estado não ofereceu formação a essas servidoras. Diante disso, a gestão do colégio buscou ajuda nas escolas estaduais que já contavam com bibliotecas e, a partir desse contato, foi feita uma parceria com o Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Sul de Minas – Campus de Inconfidentes. Nessas instituições de ensino, as professoras que pretendiam usar a biblioteca receberam orientações dos servidores que já atuavam em bibliotecas escolares, em relação à organização, catalogação e registro dos volumes.

A partir de 2013, por meio da Resolução que organizou o quadro de pessoal, duas bibliotecárias ficaram responsáveis pelo espaço. Ambas são pedagogas com experiência nos anos iniciais do Ensino Fundamental, elas procuram manter a biblioteca organizada e tornam o ambiente hospitaleiro.

Entretanto, mesmo que muitos alunos frequentem a biblioteca diariamente, e ela disponha de um ambiente agradável, a busca pelo acervo é rara. De acordo com os últimos registros de 2016, a média de empréstimos de livros é de aproximadamente três volumes ao mês. Segundo os registros do ano de 2015, constantes no livro de empréstimos, a média de empréstimos foi de um livro por mês, já em 2016, esse número subiu para três livros. Considerando o fluxo de alunos na escola, e mesmo na biblioteca, o número de empréstimos é bastante preocupante e desmotivador para a ampliação do acervo.

De acordo com o livro de registros de visitas à biblioteca escolar, a média de visitantes fica em torno de cem alunos por semana. Esse número varia em função da modalidade de ensino, afinal, em um CESEC, nunca se sabe

quantos alunos frequentarão a escola por dia. Chama atenção o fato de que até o mês de novembro de 2016, foi constatada a média de três livros emprestados por mês, porém, alguns desses empréstimos foram feitos por professores.

Essas evidências despertaram a preocupação da gestão referente ao baixo uso do acervo da biblioteca e – uma vez que revelou uma lacuna na formação dos alunos – à leitura literária e à formação cidadã que essa atividade pode proporcionar.

Caminhos da pesquisa

O estudo foi desenvolvido por meio de uma pesquisa qualitativa que, de acordo com Ludke e André (1986), pode assumir diversas formas, entre as quais o estudo de caso, que deve ser bem delimitado, havendo contornos definidos, além disso ele deve se constituir em uma unidade dentro de um sistema mais amplo. Foi nessa perspectiva que o trabalho como qual se embasa este artigo se desenvolveu, tendo como meta norteadora buscar compreender de que forma a gestão do CESEC X pode incentivar a utilização do acervo literário da biblioteca escolar.

Como metodologia, foi realizada uma análise dos documentos da biblioteca escolar, assim como uma pesquisa de campo, a partir da aplicação de entrevistas e questionários. Os questionários foram aplicados com os professores orientadores, já as entrevistas foram realizadas com as especialistas, as professoras responsáveis pelo uso da biblioteca e uma professora orientadora que participou do processo de formação da biblioteca escolar.

Entre o final do ano letivo de 2016 e o início de 2017, por meio do livro de frequência da biblioteca escolar, foi possível observar a presença dos alunos na biblioteca, além das atividades desenvolvidas por eles no espaço. A maioria deles estudava o conteúdo que era aplicado em sala de aula. Por meio dos registros, foi possível averiguar o número de empréstimos de livros literários feito pelos alunos, nos meses de novembro de 2016 e fevereiro a maio de 2017, conforme é possível perceber no Quadro 1:

Quadro 1 – Livros literários emprestados, na biblioteca escolar, para os alunos do CESEC X.

PERÍODO	LIVROS LITERÁRIOS EMPRESTADOS
Novembro de 2016	03
Fevereiro de 2017	02
Março de 2017	04
Abril de 2017	05
Mai de 2017	04

Fonte: Levantamento realizado pelos autores

Conforme é possível perceber por meio do quadro, o número de livros literários emprestados pelos alunos na biblioteca do CESEC pesquisado é baixo. Essa realidade é preocupante, primeiro, pelo fato de poucos alunos da escola utilizarem o acervo literário da biblioteca escolar, depois pela escola não estimular a leitura literária nos alunos. Para Barbosa (2011):

Num mundo e numa escola cada vez mais pragmáticos, reconhecer o direito à literatura implica que aqueles que se dedicaram à formação desse tipo de leitor tenham antes compreendido que a literatura é indispensável, porque transgride o senso comum. Porque nos desloca, permitindo um olhar diferente para o mundo, porque nos faz descobrir o que não pensávamos existir, inclusive em nós. O potencial formador da literatura é garantia de autonomia e liberdade (Barbosa, 2011, p. 153)

Nessa perspectiva de valorização da literatura como potente formadora e promotora de autonomia e liberdade, acreditamos que a gestão da escola deve contribuir com a comunidade escolar, propiciando a prática da leitura literária não só pelos alunos, como também pelos servidores. Dessa forma, consideramos importante a sensibilização dos professores e especialistas quanto à necessidade de a escola cumprir a sua função de formadora de leitores, oferecendo à comunidade escolar o acesso ao letramento literário.

A seguir, serão apresentados os dados coletados por meio da pesquisa. Para resguardar a identidade dos servidores, assim como facilitar o entendimento do leitor, vamos nos referir aos professores respondentes dos questionários como P1, P2, P3, e assim sucessivamente, até P17. Quanto às entrevistadas, suas falas serão apresentadas como E1, E2, E3, E4 e E5.

Uma das questões norteadoras da pesquisa era: como você percebe a biblioteca deste CESEC em relação ao acervo, organização e atendimento? Ao respondê-la, quatro professores trouxeram as seguintes respostas:

P1: *“O acervo é pequeno, mas a biblioteca é bem organizada e o atendimento é bom”.*

P2: *“O acervo é insatisfatório, a organização, dentro do que a escola oferece, é boa e o atendimento é bom, porém, a demanda é pequena”.*

P3: *“A organização e o atendimento são perfeitos, quanto ao acervo, acredito que devido ao espaço físico, não consegue atender de forma satisfatória”.*

P4: *“A biblioteca do CESEC está buscando um crescimento em relação a seu acervo, organização e atendimento”.*

As repostas desses professores apontam para a necessidade de melhorias no acervo da biblioteca escolar, não só em relação à quantidade, como também à qualidade do acervo. Para Souza (2009), a melhoria do acervo da biblioteca escolar deve ser planejada pela escola, sendo necessário, pelo menos uma vez por ano, adquirir novas obras e, assim, atrair cada vez mais alunos para a biblioteca. A necessidade de melhoria no acervo também foi pontuada pelos professores P5 e P6, que indicaram descontentamento em relação ao acervo. As respostas de P5 e P6 apontam, também, a necessidade de ouvir os alunos para a ampliação do acervo.

P5: *“É um bom acervo, mas poderia ampliar com obras voltadas para o público jovem. Quanto à organização, eu vejo que as bibliotecárias estão empenhadas em melhorar mais. O atendimento é bom”.*

P6: *“O atendimento e a organização são bons, porém, não há uma quantidade considerável de livros que atenda ao gosto dos alunos adolescentes”.*

Wisniewski e Polak (2009, p. 415) dizem que “[...] o acervo de bibliotecas escolares deve dar oportunidade de o leitor estar em contato com os

mais variados tipos de leitura [...]”, o que exige um bom acervo. Como o público do CESEC é bastante variado, é necessário um amplo acervo para atender à diversidade de alunos. A fala dos professores, anteriormente citadas, faz recordar Souza (2009, p. 129), quando diz que o acervo da biblioteca escolar “[...] estará circunscrito ao âmbito da comunidade escolar para atendimento de crianças e jovens que frequentam a escola, acervo para grupo docente, material de referência; acervo para a comunidade escolar como um todo”. Dessa forma, para a ampliação do acervo, precisa-se ouvir não só os alunos, como também os membros de toda comunidade escolar.

Quando os professores P5 e P6 dizem que o acervo é inadequado para o público jovem, nos remetemos às palavras de Souza (2009, p. 128), ao dizer que o acervo da biblioteca escolar, “[...] além de oferecer suporte aos conteúdos discutidos em sala de aula, proporcionará ao aluno encontrar-se com materiais que atendam a sua curiosidade pessoal”.

Em relação à organização, de acordo com as falas dos professores trazidas anteriormente, a biblioteca está bem. Esse é um ponto positivo. Contudo, ao problematizarmos a questão do uso da biblioteca, essa questão sozinha não se faz suficiente para motivar a frequência dos alunos. De acordo com Vilela (2009), uma biblioteca organizada é importante, mas não garante a frequência dos alunos. Para que o ato de ler aconteça, a partir do acervo literário da biblioteca, é necessário que ela seja um espaço vivo, acolhedor e estimulador da leitura literária. Muitas vezes, a organização em excesso chega a atrapalhar.

Para Souza (2009), uma biblioteca não precisa (e não pode) ser um lugar de excessiva ordenação, normatização ou resguardo. Nesse sentido, mais do que ter organização e normas, a biblioteca do CESEC precisa compreender os alunos da EJA e encontrar formas de atraí-los. Segundo Souza (2009), para cativar o educando para a leitura, o ensino de literatura precisa ser democrático, assim como o acesso a obras, ou seja, à cultura.

No decorrer da pesquisa, foi possível verificar que o acesso às obras literárias não acontece de forma democrática no CESEC pesquisado, em especial na fala de P13. Quando questionada se seus alunos tecem algum comentário sobre a biblioteca e o atendimento prestado lá, a resposta de P13 foi a seguinte: “*Não. Meus alunos não tecem comentário algum sobre a biblioteca. Muitos alunos nem sabem que a biblioteca é um espaço para eles*”.

Essa informação é bastante preocupante, pois acaba revelando uma negação do espaço da biblioteca, e, como consequência, de um direito, que é o de utilizá-la. Para Vilela (2009, p. 37):

A biblioteca ainda não é percebida pela maioria das pessoas em nosso país como um bem coletivo, o que faz com que o trabalho de recuperação do papel social da biblioteca seja ainda mais árduo para o bibliotecário para que a comunidade atendida possa realmente estar inserida de forma democrática e para que seus sujeitos tornem-se, realmente, cidadãos e possam usufruir de seus direitos.

De acordo com Vilela (2009), pesquisas na década de 1990 apontam a biblioteca como um artigo de luxo. Talvez nossos alunos a percebam dessa forma. Nesse caso, além de a escola negar um direito, não contribui para que os seus alunos conheçam a literatura, deixando de oferecer letramento literário aos jovens e adultos que nela estudam. Seja como for, há que se rever o trabalho

prestado na biblioteca e articulá-lo ao planejamento dos professores dos conteúdos curriculares.

A pergunta seguinte trata do ato de ler, a partir do acervo da biblioteca escolar. A questão era: seus alunos se utilizam do acervo da biblioteca da escola? Diante de tal pergunta, duas respostas chamam a atenção:

P9: *“Acredito que meus alunos não utilizam o acervo da biblioteca. Como são muitos, não posso garantir se utilizam, mas pelo que converso com eles, eles não têm tempo. Só o conteúdo já é bastante para conciliar com o dia-a-dia. Eles querem é terminar logo a disciplina”.*

P15: *“Pelo que vejo não. Eles estão sempre cansados, reclamam até de ter que ler o material de sala de aula. Têm pressa em concluir, pois acham que já perderam muito tempo”.*

As respostas dos questionários evidenciam a percepção dos professores, criticada por Eiterer e Abreu (2009), de que os alunos têm muita pressa em concluir o curso e pouco tempo para se dedicarem aos estudos. Segundo os autores, em relação à literatura na EJA, é preciso enfrentar os preconceitos e medos, bem como a noção de que essa realidade não é para eles. Para tanto, é preciso romper com esse paradigma de que os alunos do CESEC só querem concluir o curso e, portanto, não se oferecem outras possibilidades de conhecimento.

Tendo em vista os números baixos, relativos aos empréstimos dos livros literários e ao fato de que muitos alunos sequer entram na biblioteca, é necessário repensar sobre a oferta educacional, no que diz respeito à leitura literária. Nesse sentido, é necessário que a equipe, de forma conjunta, favoreça o acesso à leitura literária na biblioteca escolar. Para tanto, é preciso um planejamento voltado tanto para o espaço – deixando-o mais atrativo –, quanto para o incremento do acervo com mais obras literárias. De acordo com a pesquisa realizada, é importante, ainda, o desenvolvimento de um projeto de leitura literária que seja prazeroso e atrativo.

Nesse sentido, ao planejar os projetos de leitura literária, a escola precisa considerar o perfil de seus alunos e propor atividades que os envolvam, procurando apresentar o lado prazeroso da leitura, não apenas o utilitarista. Agregar atividades de leitura literária às atividades que os educandos realizam pode ser uma estratégia para proporcionar o mundo da fruição para esses sujeitos. Essas atividades podem, também, contribuir para mudar a ideia de que o CESEC prioriza a certificação em detrimento do aprendizado, dando espaço à construção do conhecimento por meio do letramento literário.

Segundo Paula e Oliveira (2011), é muito preocupante a relação entre as exigências do trabalho e o tempo que os jovens e adultos têm para estudar. Ao analisarem os dados de uma pesquisa feita sobre os “sujeitos da EJA”, as autoras dizem:

A jornada semanal no Brasil é de 44 horas semanais, mas há um elevado percentual de jovens em atividades que superam esse limite em vigor. Embora o maior índice de trabalhadores e trabalhadoras esteja entre 22 e 24 anos, seguido pelos jovens de 18 a 21 anos, preocupam os índices de adolescentes em jornadas tão elevadas, que superam 44 horas semanais, como os grupos na faixa etária de 14-15 anos, com 25,3% e, daqueles com 16-17 anos, com 33,8%, respectivamente. Como este segmento poderá aliar o

trabalho ao estudo? Se a carga horária semanal excede o estabelecido em lei, imagina-se que as condições da atividade também sejam precárias (Paula & Oliveira, 2011, p. 56).

O fragmento acima diz respeito à grande parte do público que o CESEC X atende. Essas informações vêm ao encontro dos dados coletados, tanto por meio do questionário, como da entrevista, pois, segundo o resultado da pesquisa, os alunos dizem que não se dedicam às atividades extras devido à falta de tempo e ao cansaço. Essa realidade impacta diretamente o ato de ler literatura no CESEC, já que o cansaço do trabalho e as preocupações do dia-a-dia levam os alunos a realizarem somente o necessário, com o objetivo de serem promovidos nos conteúdos curriculares. Essa prática evidencia uma grande falha da escola, por ainda não ter encontrado meios de democratizar a oferta da leitura literária.

Como a pesquisa trata do incentivo para a formação de leitores de obras literárias e da utilização do acervo da biblioteca escolar, trazemos, aqui, o resultado e a análise de uma questão que trata da utilização do acervo literário pelos alunos, segundo a visão dos professores. Para a questão: “Dentro do seu planejamento há alguma atividade realizada na biblioteca com a utilização do acervo?”, as respostas mais significativas foram as seguintes:

P2: *“Não. As atividades são todas voltadas ao material didático. Se ficar variando muito, os alunos não voltam. Eles têm muita pressa”.*

P7: *“Não, já tentei trabalhar com poesias, mas houve muita reclamação. Os alunos do CESEC não gostam de nada que tiram eles de tirar as dúvidas e fazer as provas”.*

P11: *“Não. Acho que nenhum professor trabalha com o acervo da biblioteca. Eu até penso em trabalhar, mas os alunos reclamam de tudo que saia do padrão. Mas vou procurar conhecer o acervo e tentar articular alguma atividade”.*

A pouca proposição de atividades envolvendo a utilização da biblioteca é outra faceta da realidade que precisa de atenção. A pesquisa apresentou como proposta o desenvolvimento de um projeto que possa levar os alunos à utilização do acervo, em uma proposta dentro da programação do curso. Nesse sentido, o direito à literatura e a uma formação crítica estaria sendo garantido. Para Barbosa (2011), reconhecer o direito à literatura significa que aqueles dedicados à formação do leitor tenham, antes de tudo, compreendido a literatura como indispensável porque permite, entre outros benefícios, a transgressão do senso comum. Barbosa (2011) diz, ainda, que a literatura permite um olhar diferente para o mundo, sendo garantia de autonomia e liberdade.

Inicialmente, a escola pesquisada não contava com uma biblioteca escolar. Conforme explicado anteriormente, a biblioteca só passou a existir na escola no final de 2012, mas, até hoje, a gestão escolar, juntamente com a equipe pedagógica, não encontrou meios de levar os alunos à utilização efetiva do acervo. A pesquisa revelou que nem mesmo os professores conhecem as obras constantes na biblioteca. Sem o conhecimento desses professores, fica difícil a elaboração de um plano de ação efetivo, visando ao incentivo da leitura literária. Nesse contexto, o aluno lê somente o básico, previsto no material

didático, ao passo que o acervo literário fica praticamente ignorado diante das possibilidades de acesso à literatura. Para Edvirges (2012, p. 28):

Dentro da escola existem diversos recursos pedagógicos que auxiliam a estimular o hábito e o gosto pela leitura, vários desses recursos estão abordados no currículo escolar, e o professor deve saber utilizar todos eles mas dentre todos o único que não está incluído é a biblioteca escolar, pois se trata de um local destinado para realizar diversas atividades que complementam as que são realizadas em sala de aula.

Ao trabalhar somente o conteúdo básico, a escola deixa de oferecer, aos seus alunos, outras práticas de leitura, isto é, de conhecimento de outros textos e, como consequência, a ampliação do conhecimento. Uma hipótese para tal lacuna é o fato de a escola ter atuado, durante vinte e oito anos, sem a biblioteca. Nesse sentido, é possível que a gestão escolar ainda não tenha encontrado formas de mudar a prática de trabalho com o conteúdo.

A partir da realização da pesquisa, ficou perceptível a necessidade de um trabalho com a equipe pedagógica, em especial com os professores, sobre a importância da leitura literária, a fim de elaborar meios de levar a literatura aos alunos. Acreditamos que, a partir do momento em que houver o interesse dos professores pela literatura e pelo acervo da biblioteca, eles poderão agir como mediadores de possíveis conflitos na implantação do plano de ação. Poderão, também, contribuir com o próprio exemplo, desenvolvendo, no aluno, o gosto e o hábito da leitura literária.

Outra questão que trouxe informações importantes é a seguinte: “Como você pode contribuir para que os alunos utilizem o acervo da biblioteca escolar?” Doze dos dezessete professores responderam que uma das formas de incentivar a leitura literária seria o desenvolvimento de projetos. Porém, todos os docentes entendem que os estudantes não vão aderir a essa iniciativa, em decorrência do tempo que têm disponível.

Os educadores demonstraram acreditar que as professoras responsáveis pelo uso da biblioteca devem desenvolver projetos que envolvam as disciplinas, de forma que não ocupe muito o tempo do aluno. Em sua pesquisa, Edvirges (2012, p. 32) também cita o desenvolvimento de projetos para estimular a leitura entre os jovens. Para o pesquisador, “[...] tais atividades devem ser desenvolvidas através da parceria entre professores e bibliotecários”.

Atualmente, o ensino, por meio de projetos, é bastante explorado nas escolas e, se bem elaborado, configura-se como uma prática exitosa e prazerosa, tanto para professores, quanto para os alunos. Segundo Micotti (2009, p. 38):

Na perspectiva dos projetos, as aulas deixam de ser um mundo de faz de conta para constituir-se em encontros de subjetividades; mediante planos elaborados e executados em conjunto realizam-se intenções, e, nessas intenções, coletivamente propostas, encontram-se os propósitos individuais.

Ainda com base nos dados da nossa pesquisa, cinco professores entendem que a participação em um possível projeto de leitura deve ser bem analisada, além disso se não “valer ponto”, os alunos não participam. Porém, os outros docentes entendem que não. Para estes, a leitura literária deve ser prazerosa, portanto, é viável desenvolver o gosto pela leitura. Oito desses

professores acreditam que o apresso pela leitura se desenvolve na infância, e que, por serem adultos, é pouco provável que os alunos do CESEC X se debruçarem sobre livros literários com prazer pela leitura. A fala do P2 resume a dos outros sete professores:

P2. *“Eu acredito que é importante tentar um projeto de leitura, mas acho que não deve valer nota, pois eles vão ficar revoltados se dependerem de notas de leitura literária. Acredito que o gosto pela leitura literária é formado na infância, por meio de um ambiente de literatura. A maioria dos nossos alunos não tiveram acesso a livros literários e, agora, não terão tempo para desenvolver isto”.*

Para P2, o gosto pela leitura literária é formado na infância e não pode ser desenvolvido depois dessa época. Porém, de acordo com Souza (2009), gostar mais ou menos de ler são coisas que mudam no tempo, variam de pessoa para pessoa. Nesse sentido, tratam-se de atitudes nem sempre previsíveis, dadas, ou inerentes a essa ou àquela faixa etária, por isso, precisam ser percebidas sem angústia ou conflito.

Houve um grupo de professores que acredita que ao projeto deve ser atribuído uma nota. A fala de P15, que representa a de outros colegas, também têm essa percepção: *“Acho que os alunos só vão participar se computar ponto nos módulos, porque eles reclamam muito de ler qualquer coisa. Se valer nota, eles vão se interessar, mas não pode tomar muito tempo”.*

Tanto a resposta de P15 quanto a de P2 nos levam a perceber a necessidade de formação literária para os professores. Além da formação literária, é importante haver uma reflexão sobre a questão tempo no CESEC. Nesse sentido, é necessário conscientizar os alunos para que eles percebam a leitura literária como um ganho sempre. Quando P15 aponta que o projeto de leitura deve valer nota, certamente percebe a leitura literária na perspectiva utilitarista, não compreendendo a essência do letramento literário, esse docente não entende, decerto, que a leitura literária pode apresentar, aos sujeitos, uma nova perspectiva de mundo. Segundo Cosson (2009, p. 70):

É necessário ao professor e ao aluno fazer da leitura literária uma prática significativa para eles e para a comunidade em que estão inseridos, uma prática que tenha como sustentação a própria força da literatura, sua capacidade de nos ajudar a dizer o mundo e a nos dizer a nós mesmos. Uma prática, em suma, que tenha como princípio e fim o letramento literário.

Acreditamos que essa forma de pensar a literatura sempre ligada à avaliação seja fruto de uma visão da escola, reproduzida para os alunos sobre a importância das avaliações no processo formativo. É importante que os profissionais que atuam na escola, assim como os estudantes, percebam essa modalidade de ensino como algo maior que as avaliações, uma vez que contempla outras atividades, inclusive o letramento literário, isso envolve resguardar o direito de acesso ao universo literário. A literatura pode transitar por todos os componentes curriculares, trazendo subjetividade aos conteúdos, mesmo aqueles cuja essência é mais exata ou calculista. Essa reflexão deve se iniciar entre a gestão e os professores, para que depois se estenda para os alunos.

Objetivando o desenvolvimento da etapa da análise dos dados, o termo “letramento”, visto por Soares (2004) como prática social de leitura e escrita mais avançadas, resultantes da aprendizagem do sistema de escrita, assume a forma de letramento literário. Partindo desse pressuposto, a escola deve oferecer o letramento literário aos seus alunos, sendo que, para tanto, a equipe pedagógica precisa repensar o trabalho desenvolvido em torno da literatura. Durante as entrevistas, ao perguntar como acontece o atendimento ao aluno na biblioteca, E2 relatou o seguinte:

E2: “O aluno não vai à biblioteca para ler livros literários. Ele vai para fazer as atividades da sala de aula. Eu ofereço livros, falo sobre as obras, mas eles não querem. Algumas vezes, um ou outro, pega um livro, dá uma olhada e uns até leem um pouco, mas desistem, dizem que estão cansados e não têm tempo. Dá a impressão que eles não entendem o livro ou não sabem ler literatura”.

A fala de E2 faz referência ao que diz Cosson (2009, p. 208):

Ser leitor de literatura na escola é mais do que fruir um livro de ficção ou se deliciar com as palavras exatas da poesia. É também posicionar-se diante da obra literária, identificando e questionando protocolos de leitura, afirmando ou retirando valores culturais, elaborando e expandindo sentidos. Esse aprendizado crítico da leitura literária, que não se faz sem o encontro pessoal com o texto enquanto princípio de toda experiência estética, é o que temos denominado aqui de letramento literário.

Ao comparar a fala de E2 com as ideias de Cosson (2009), é possível perceber o tamanho do desafio da escola no que tange ao desenvolvimento do letramento literário dos seus alunos. É preciso ir muito além da leitura, pois, conforme Souza e Cosson (2011, p. 103), o ato de ler, nos moldes do letramento literário, “[...] passa pelo desvelamento das informações do texto e pela aprendizagem de estratégias de leitura para chegar à formação do repertório do leitor”.

Ao ser questionado sobre os desafios enfrentados pela biblioteca escolar, E3 afirma: “Eu percebo, em muitos alunos, a necessidade de ter mais segurança para buscar uma obra literária, pois entendo que eles não se sentem no direito de serem leitores, como se a leitura não fizesse parte do mundo deles”.

A servidora que trouxe essa informação para a pesquisa começou a trabalhar na escola neste ano, o que chamou a atenção em função do seu pouco tempo de atuação na escola. A informação trazida por E3, associada à resposta do questionário apresentada por P13, reporta à fala de Vilela (2009) em relação à visão de poder e luxo das bibliotecas. P13 declara que: “*Não. Meus alunos não tecem comentário algum sobre a biblioteca. Muitos alunos nem sabem que a biblioteca é um espaço para eles*”.

Essa forma de perceber a biblioteca e, conseqüentemente, a literatura atinge diretamente os alunos da EJA, aos quais, de alguma forma, foi negado o direito aos conhecimentos mais básicos no processo educacional. Assim, cabe à gestão contribuir para que a escola consiga mostrar aos alunos que a biblioteca é da comunidade escolar. Para tanto, é necessário demonstrar que eles podem e devem utilizar os recursos nela disponíveis, assim como opinar sobre as

melhorias necessárias, como em relação ao acervo, ao atendimento e a outros aspectos.

A partir da realidade observada, é possível afirmar que o CESEC X precisa se dedicar mais ao letramento literário, tornando a leitura acessível, garantindo a democratização desse direito. É preciso pensar no alunado desse CESEC, perceber esses sujeitos como vítimas de uma sociedade excludente e de uma história de vida com dificuldades que se repete nas suas famílias. Para Soares, Giovanetti e Gomes (2005, p. 30):

Os jovens-adultos populares não são acidentados ocasionais, que, ou gratuitamente, abandonaram a escola. Estes jovens e adultos repetem histórias longas de negação de direitos. Histórias coletivas. As mesmas de seus pais, avós, de sua raça, gênero, etnia e classe social.

Compete à escola contribuir para que seus alunos se aproximem da literatura. Segundo Eiterer e Abreu (2009), em relação à literatura na EJA, é preciso enfrentar os preconceitos e medos, bem como a noção de que a arte literária não é para eles.

Para E3, o incentivo da escola é o caminho pra levar o aluno do CESEC X a se apropriar da literatura, respeitando seu direito enquanto aluno e cidadão, portanto, cabe a esse CESEC encontrar meios eficazes de proporcionar a leitura literária aos seus alunos, enfrentando as desigualdades sociais. Nesse sentido, será possível evitar a realidade evidenciada por Paulino (2001, p. 124), ao alegar que “[...] o letramento literário se restringe às alamedas da cidade, evitando as perigosas vielas sem recursos”.

Nessa perspectiva, as colocações de Souza (2009) amparam os caminhos desta pesquisa, uma vez que a autora defende a necessidade de democratizar o letramento literário e vê a escola como a responsável por esse processo.

O acesso ao livro pode ser, então, um elemento que contribui para os indivíduos das camadas populares tornarem-se detentores do capital cultural advindo da leitura literária (ou capital literário), pois como apontado anteriormente, para a maioria desses indivíduos esses bens não estão disponíveis no primeiro campo de socialização que é a família. Então, o contato com esse bem material simbólico na escola pode ser uma alternativa para essa aquisição. Desse modo, a escola poderia reduzir algumas desigualdades, pois asseguraria a todos aquilo de que alguns não dispõem em seu meio familiar (Souza, 2009, pp. 142-143).

A citação anterior descreve a realidade de muitos alunos do CESEC X, mas vai além, afinal, esse é o retrato de muitas pessoas que, estando ou não inseridas em uma instituição de ensino, não exercem o direito de ler uma obra literária. Ao considerar as condições sociais e culturais da população brasileira, a escola se apresenta como a maior responsável por garantir esse direito aos seus alunos e à toda a comunidade escolar.

Durante as entrevistas, ao falar sobre as ações que podem ser desenvolvidas para estimular a leitura literária na escola, uma das entrevistadas relatou o seguinte:

E1. “Eu penso que as professoras para uso da biblioteca, sozinhas, não vão conseguir nada. Mas se todos os professores em conjunto com as especialistas trabalharem juntos, num projeto bem estruturado, daria certo. Eu estou à disposição para contribuir não só na elaboração, quanto na aplicação, pois é uma judiação nossos alunos saírem sem conhecimento literário. Sem o prazer da leitura das obras literárias”.

Essa afirmação remete ao que diz Kleiman (2007, p. 4):

Acredito que é na escola, agência de letramento por excelência de nossa sociedade, que devem ser criados espaços para experimentar formas de participação nas práticas sociais letradas e, portanto, acredito também na pertinência de assumir o letramento, ou melhor, os múltiplos letramentos da vida social, como o objetivo estruturante do trabalho escolar em todos os ciclos.

Essa reflexão se relaciona com as ideias de Souza (2009), quando ela fala sobre o profissional que atua nas bibliotecas escolares:

O profissional destinado a mediar a leitura e a informação na biblioteca escolar não pode ser anualmente substituído por outro, como acontece nas escolas públicas. A mudança constante desestrutura a sedimentação das estratégias realizadas anteriormente e a biblioteca torna-se, a cada ano, um recomeço. A biblioteca precisa de trabalho contínuo, que acumule ações pedagógicas promovedoras do conhecimento de sua comunidade (Souza, 2009, p. 133)

Acreditamos que um projeto de incentivo à leitura, com vistas ao letramento literário, não pode ser interrompido ao final de um ano. Pelo contrário, é necessário que ele passe pelos ajustes necessários, de forma que haja a sua ampliação. Assim, por exemplo, com a mudança do profissional que atua na biblioteca, esse recomeço anual pode representar um retrocesso no desenvolvimento das ações.

Algumas considerações e proposições da pesquisa

A pesquisa trouxe muitas ideias de incentivo à prática da leitura literária. Nas entrevistas, E4 sugeriu um café literário, o uso de literatura de cordel nas salas de aula e a possibilidade de expor as obras nos corredores da escola. E5 recomendou a elaboração de um projeto que articulasse a leitura literária a um dos cinco módulos de estudo de cada disciplina.

Uma ideia bastante interessante foi apresentada por E2, ao indicar um clube de leitura, o que faz lembrar Eiterer e Abreu (2009, p. 156) quando falam sobre as atividades do Clube de Leitura, desenvolvidas no âmbito do Programa de Educação de Jovens e Adultos da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Essa é uma possibilidade interessante, pois, de acordo com as autoras, “[...] são atividades livres de avaliações, notas ou julgamento [...]” (Eiterer & Abreu (2009, p. 156). Nesse sentido, trata-se de um projeto que está de acordo com a visão da maioria dos professores, ao falarem sobre o projeto de leitura no CESEC X.

Quatro professores acreditam que é preciso melhorar o espaço físico. Ao falar sobre o espaço físico, Caldeira diz que “o planejamento do espaço da

biblioteca deve ser feito em função do acervo e do uso que se pretende dele fazer” (Campello *et al.*, 2007, p. 48). Assim, conforme a ampliação e otimização do acervo, certamente deverá ser repensado o espaço. Souza (2009, p. 119) diz que:

Em geral, as bibliotecas escolares brasileiras estão dispostas em espaços que não oferecem segurança e conforto para receber pelo menos uma turma de alunos, pois o ambiente é pequeno, o mobiliário está incompleto, sendo composto pelas sobras de outras salas da escola.

No CESEC X, atualmente, o espaço comporta o acervo. A biblioteca foi criada sem recurso específico do Estado para isso. Diante disso, consideramos necessário destacar a fala de Eduvirges (2012, p. 20):

Apesar da importância que a biblioteca escolar possui para o desenvolvimento do intelecto do aluno, as bibliotecas escolares apresentam uma realidade bem distante do ideal, principalmente as bibliotecas escolares públicas onde a situação é mais alarmante, as condições de uso estão longe da literatura que relata a sua estrutura e funcionamento.

Dois professores sugeriram que é preciso, também, informar melhor os alunos sobre a possibilidade de empréstimo de livros. Além disso, um deles sugeriu a criação de um clube de leitura, por meio das bibliotecárias. Essa atividade requer um trabalho mais dinâmico das professoras. Para Souza (2009, p. 14):

Uma biblioteca só pode cumprir a sua função de integrar-se ao ensino numa escola, se o mediador que atua nesse espaço for um profissional dinâmico, pois cabe a ele estabelecer interação entre a biblioteca e os alunos, entre a biblioteca e os professores, e entre a biblioteca e os conteúdos.

Uma professora sugeriu que as avaliações apresentassem sinopses de obras literárias, o que poderia despertar, em alguns alunos, a vontade de lê-las. Para todos os professores, a gestão escolar deve incentivar a implementação de projetos de leitura e, junto aos especialistas, encontrar uma forma de vincular a leitura literária aos módulos de cada disciplina, de forma que o aluno tenha a oportunidade de ler uma obra literária durante o tempo que cursa cada disciplina. Essa proposta é bastante interessante para a modalidade oferecida nos CESEC. Dependendo do seu desenho e da forma como for abordada, vai ao encontro das palavras de Souza (2009, p. 118):

As possibilidades de conhecimento que a biblioteca proporcionará à comunidade escolar são inestimáveis, entretanto, é preciso que ela esteja integrada ao programa escolar e presente nas discussões que dizem respeito ao andamento pedagógico da instituição.

A citação acima suscita a alguns questionamentos importantes para a proposta de letramento literário no CESEC X: Existem discussões sobre literatura entre os membros da equipe pedagógica? Os professores têm apreço pela literatura? Como incentivar os professores a se interessarem pela literatura? Esses questionamentos devem ser considerados na proposta de intervenção, pois

o letramento literário deve ser proposto primeiro à equipe pedagógica, para que chegue aos alunos com o devido poder de envolvê-los.

Os dados colhidos revelam que a biblioteca está sendo utilizada para os alunos realizarem as atividades de sala de aula, referentes aos conteúdos que estão cursando. De acordo com a pesquisa, os estudantes precisam aproveitar todo o tempo que têm para adiantar os estudos exigidos, sendo essa uma causa para a forma como a biblioteca é usada.

Todas as entrevistadas apontaram, como obstáculo para a busca da leitura literária por parte dos alunos, a falta de tempo, a pressa com que passam pelo colégio e, principalmente, o fato de a escola não estar oferecendo um projeto de leitura. De acordo com as entrevistadas, um projeto desse tipo deve respeitar o tempo do aluno e, se possível, estar vinculado a um dos módulos das disciplinas curriculares. No entanto, acreditam que não deve estar vinculado à nota, pois entendem que a leitura de uma obra literária deve ser uma atividade que dê prazer, satisfação, não podendo ser computada como requisito para a promoção nos módulos.

Dessa forma, a elaboração de tal projeto deve ser precedida de um repensar dos próprios professores sobre o papel da literatura na vida das pessoas. Só assim, esses profissionais terão condições de encantar os seus alunos para a prática da leitura literária, levando-os a compreender como isso não significa um atraso na sua caminhada escolar, mas que proporciona momentos de prazer, relaxamento, descoberta, enfim, fortalecendo o aprendizado.

Nossa pesquisa coletou dados e, por meio deles, foi possível entender melhor o perfil dos alunos atendidos pela escola. Embora não faça parte da pesquisa, é notório que a maioria dos alunos que procuram a EJA são pessoas que, de alguma forma, foram excluídas do sistema educacional durante a infância ou adolescência. Além disso, a pesquisa revelou que muitos desses alunos carregam marcas sociais, como, por exemplo, a de não se sentirem no direito de ler literatura. Sem desconsiderar os outros, acreditamos que esse dado requer toda a atenção da gestão da escola.

Outro aspecto importante a ser problematizado é o fato de não existir um projeto voltado para a leitura na escola. Acreditamos ser importante que o Projeto Político Pedagógico contemple ações nesse sentido, inclusive levando em consideração o perfil do aluno do CESEC X e a relação dele com o tempo dedicado aos estudos. Acreditamos que ações de incentivo à leitura e ao uso da biblioteca escolar podem contribuir para estreitar os laços dos alunos com a escola, além de trazer efeitos positivos na própria trajetória escolar.

Referências

Arroyo, M. G. (2005). Educação de jovens e adultos: um campo de direitos e de responsabilidade pública. In: Soares, L. J. G.; Giovanetti, M. A. & Gomes, N. L. *Diálogos na educação de jovens e adultos*. Belo Horizonte: Autêntica, p. 19-50.

Barbosa, B. T. (2011) Letramento Literário: sobre A Formação Escolar do Leitor Jovem. *Revista Educação em Foco*, 16 (1), 145-167.

Brasil (2008). *Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE): Leitura e bibliotecas nas escolas públicas brasileiras*. Secretaria de Educação Básica, Coordenação Geral de Materiais Didáticos. Brasília: Ministério da Educação.

Lei 12244 de 24 de maio de 2010. Dispõe sobre a universalização das bibliotecas nas instituições de ensino do País, Brasília, DF.

Campello, B. S.; Vianna, M. M.; Carvalho, M. da C.; Andrade, M. E. A.; Caldeira, P. da T.; Abreu, V. L. F. G. (2007). *A Biblioteca Escolar: temas para uma prática pedagógica*. (2a ed.). Belo Horizonte: Autêntica.

Cosson, R. (2009). *Letramento literário: teoria e prática*. (2. Ed). São Paulo: Contexto.

Eduvirges, J. R. (2012). *A Importância da biblioteca escolar para incentivar o hábito da leitura*. Trabalho de Conclusão de Curso, Faculdades Integradas de Jacarepaguá, Jacarepaguá, RJ, Brasil.

Eiterer, C. L.; Abreu, J. V. (2009). O letramento literário e a educação de jovens e adultos. *Rev. Diálogo Educ.*, 9(26), 149-160.

Gomes, M. de F. T. (2015). *Letramento e concepções de leitura: uma cartografia de alunas do curso de pedagogia da UEMG/Barbacena*. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de São João Del Rei, São João Del Rei, MG, Brasil.

Ifla/Unesco (2000). *The School Library Manifesto: the school library in teaching and learning for all*.

Kleiman, A. (2004). Introdução: o que é letramento? Modelos de letramento e as práticas de alfabetização na escola. In: Kleiman, A. (Org.). *Os significados do letramento*. São Paulo: Mercado das Letras.

Kleiman, A. (2007). *O conceito de letramento e suas implicações para a alfabetização*. Centro de Formação de Professores do Instituto de Estudos da Linguagem. Curso de extensão sobre Alfabetização e Letramento. Projeto temático letramento do professor. Campinas: Secretaria Municipal de Educação da Prefeitura do Município de Campinas/Unicamp. (Material didático).

Lüdke, M. & André, M. (1986). *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: EPU.

Micotti, M. C. de O. (Org.) (2009). *Leitura e escrita: como aprender com êxito por meio da pedagogia por projetos*. São Paulo: Editora Contexto.

Resolução n. 162, de 21 de novembro de 2000. Institui nova denominação para os Centros Estaduais de Estudo Supletivos - CESUs, que passa a ser Centros Estaduais de Educação Continuada – CESECs, Belo Horizonte, MG.

Resolução SEE n. 2018, de 06 de janeiro de 2012. Estabelece normas para a organização do Quadro de Pessoal das Escolas Estaduais e a designação para o exercício de função pública na rede pública estadual, Belo Horizonte, MG

Resolução SEE n. 2.250, de 28 de dezembro de 2012. Dispõe sobre a organização e o funcionamento do ensino nos Centros Estaduais de Educação Continuada (CESEC) de Minas Gerais. Belo Horizonte, MG.

Resolução SEE n. 2.943, de 19 de março de 2016. Dispõe sobre a organização e o funcionamento do ensino nos Centros Estaduais de Educação Continuada (CESECs) e nos Postos de Educação Continuada (PECONs) que fazem parte da rede estadual de ensino da Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais. Belo Horizonte, MG.

Micotti, M. C. de O. (Org.) (2009). *Leitura e escrita: como aprender com êxito por meio da pedagogia por projetos*. São Paulo: Editora Contexto.

Mortatti, M. do R. L. (2004). *Educação e letramento*. São Paulo: UNESP.

Paula, C. R. O., M. C. (2011). *Educação de Jovens e Adultos: a educação ao longo da vida*. Curitiba: Editora Ibpex.

Paulino, G. & Cosson, R (2009). Letramento literário: para viver a literatura dentro e fora da escola. In Zilberman, R. & Rösing, T. (Org.). *Escola e leitura: velha crise; novas alternativas*. São Paulo: Global.

Paulino, G. (2001). Letramento literário: por vielas e alamedas. *Revista da FACED*, Salvador, 5.

Soares, M. (2004). Letramento e alfabetização: as múltiplas facetas. *Revista Brasileira de Educação*, 25.

Soares, L; Giovanetti, M. A. G. & Lino N. (2005). *Diálogos na educação de jovens e adultos*. Belo Horizonte: Autêntica.

Souza, R. J. (Org) (2009). *Biblioteca escolar e práticas educativas: o mediador em formação*. Campinas: Mercado das Letras.

Souza, R. J. & Cosson, R. (2011). *Letramento literário: uma proposta para sala de aula*. São Paulo: UNESP.

Vilela, R. M. (2009). *Biblioteca escolar e EJA: Caminhos e descaminhos*. Dissertação de mestrado, Universidade Federal de Minas Gerais.

Wisniewski, I. & Polak, A. (2009, outubro) Biblioteca: contribuições para a prática do leitor. Anais do Congresso nacional de Educação – Educere, Curitiba, PR, 9.